

Inquérito *Violência de Género*

Região Autónoma dos Açores

Conclusões e indicadores de apoio
à adopção de medidas

SociNova/CesNova
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

2009

Indicadores de suporte à intervenção

Na sequência do estudo efectuado para a Região Autónoma dos Açores, e onde pela primeira vez foi possível ter uma visão de conjunto da dimensão do fenómeno da violência contra mulheres e homens com 18 ou mais anos, nas suas múltiplas dimensões, que suporte a tomada de medidas no combate e prevenção da violência, julga-se pertinente salientar desde já os aspectos mais relevantes e que devem ser equacionados no imediato.

Na continuidade das Recomendações do Conselho da Europa, convém lembrar que as fontes de dados administrativos, como os das polícias e de outras organizações, são importantes, mas são parcelares (neste estudo, e à semelhança do Continente, situam-se em cerca de 12%), pelo que não devem ser usadas como primeira instância de informação das políticas nacionais ou regionais.

Os valores de vitimação das mulheres detectados nos Açores são particularmente elevados, sobretudo se tivermos em conta o importante trabalho já desenvolvido nos últimos anos (revelado em alguns indicadores deste estudo). Tal significa, que o problema assume gravidade maior nos Açores, sendo urgente o reforço das medidas já usadas e a adopção de novas, tais como as que se propõem em seguida.

1. Intervir com eficiência e rapidez nas situações de risco, particularmente no sentido de proteger as vítimas e evitar a repetição dos actos que possam conduzir a situações de perigo físico para as vítimas. Convém lembrar que nas medidas a adoptar deve ter-se em consideração o grau acrescido de ocultação deste tipo de actos e a delicadeza da intervenção, pelo contexto da casa-família em que ocorre, muitas vezes associado a filhos dependentes.
2. Prestar particular atenção às situações de precariedade resultantes do desemprego e de haver filhos economicamente dependentes, quer ao nível do apoio das vítimas, quer da prevenção de futuras situações de violência.

3. Reforçar as medidas já tomadas ao nível da Polícia, de acordo com os Planos Nacionais já adoptados. Deverá ainda reforçar-se, ou abrir, uma nova frente de apoio junto dos estabelecimentos de saúde.
4. Conhecer em maior profundidade os ambientes de violência familiar que afectam as crianças e intervir eficiente e rapidamente nas situações urgentes.
5. Tomar medidas de sensibilização e de empoderamento das vítimas, no sentido de elas poderem dar mais visibilidade à sua situação, evitando a *vitimação de 2º ordem*, mesmo que isso implique, em um primeiro momento, o aumento das participações à Polícia.
6. Agir de uma forma integrada e sustentada através de um Plano Regional de Combate à Violência Doméstica e de um Plano de Igualdade de Género, específicos para os Açores, com uma segmentação por ilha, nomeadamente tendo em consideração as especificidades já detectadas neste estudo, e articulados com os Planos Nacionais implementados actualmente pela CIG, no sentido de reforçar a protecção das vítimas, o combate à violência em geral, mas sobretudo, de agir ao nível da prevenção, nomeadamente nas gerações futuras.
7. Seguir as recomendações do Conselho da Europa, no sentido de organizar a nível regional um sistema de recolha sistemática de informação, articulado com os sistemas nacionais e internacionais, e de realizar estudos, que permitam monitorizar a evolução do fenómeno, nas suas múltiplas dimensões, e avaliar as políticas e medidas que forem sendo adoptadas.

Síntese das principais conclusões e observações para intervenção

- Na Região Autónoma dos Açores, em 2008, o conjunto da vitimação relativa à violência física, sexual e psicológica, exercida contra as mulheres com 18 ou mais anos, nos últimos 12 meses ou em anos anteriores, tem uma prevalência de 53,3%. Comparando com os resultados obtidos no Continente (38%) em 2007, a prevalência da vitimação nos Açores é superior.

- Os valores detectados em 2008 nos Açores são semelhantes (até ligeiramente superiores) aos revelados pelo inquérito do Continente de 1995 (48%): ou seja, cerca de uma em duas mulheres foi vítima de pelo menos um acto de violência física, psicológica ou sexual.

Há, no entanto, uma diferença substancial: enquanto no Continente, em 1995, a percentagem das vítimas que recorriam à polícia, tribunais e outras instituições era de somente 1%, nos Açores, em 2008, tal ocorre em 12,4% dos casos, nos anos anteriores, e 12,9%, no último ano. Sem dúvida uma diferença significativa, a revelar o muito trabalho que já se fez.

Todavia, e não havendo a possibilidade de comparar com dados semelhantes para os Açores em 1995, os resultados agora conhecidos são um sinal claro da gravidade da situação actual, que requer medidas urgentes e coordenadas.

- A violência exercida contra as mulheres assume múltiplas expressões, com pesos estatísticos diferentes em relação ao total de vítimas – física (17,7%), sexual (19,4%), psicológica (47,3%)¹.
- Dentro de cada tipo de violência, e pela sua importância estatística, destacam-se alguns dos seguintes actos: *violência física* – “bofetadas/murros/pontapés/arranhões/beliscões/mordidelas”, “dar sovas”, “empurrões pela escada abaixo e contra objectos”; *violência sexual* – “obscenidades com o objectivo de assediar”, “frases de duplo sentido com conotação sexual” e “tentativas de contacto com conotação sexual”; *violência psicológica* – “gritos e ameaças para atemorizar”, “insultos palavras para a fazer sentir diminuída”, “controlar a vida social com o objectivo de isolar”, “ameaças do tipo mato-te”, “comentários negativos para humilhar e afectar a auto-estima”, e “partir objectos para atemorizar”; *discriminação sociocultural* – “imagens ou frases associadas à condição de ser mulher na televisão, jornais, rádio e/ou publicidade”, “valores difundidos na Escola que podem limitar o acesso das mulheres a certas profissões e actividades”, “ter sido posta de lado tendo as qualificações para o trabalho” e “receber salário inferior ao de um homem”.

¹ Refira-se, no entanto que, cerca de 30,8% das mulheres são vítimas de mais de um tipo de violência.

- De entre todos os actos referidos anteriormente, será importante destacar os que se referem a situações que podem pôr em risco a vida das mulheres: o somatório dos actos de violência relativos como “alvo de chantagens/ameaças do tipo “mato-te”, “ameaças com armas de fogo/armas brancas”, “apertar o pescoço com o objectivo de magoar”, “recusar ajuda em caso de doença ou outro problema de saúde pondo a vida do próprio em causa” e, finalmente, “alvo de acto com objectivo de matar” representam 8% do total da violência considerada internacionalmente. Por outro lado, se considerarmos só os actos de violência psicológica, as ameaças com armas de fogo ou armas brancas e ameaças do tipo “mato-te” atingem os 10,7% da totalidade deste tipo de violência.

Por outro lado, se tivermos em consideração que a maior parte das vítimas destes actos continua a “deixar andar e ir calando” e os autores são essencialmente os maridos/companheiros/namorados actuais ou passados, conferindo-lhes um grau acrescido de ocultação, tal significa que estamos perante situações que requerem acções rápidas e eficazes, sob pena de prolongarem trajectórias de violência até limites de perigo físico para as vítimas.

- No que concerne aos actos da discriminação sociocultural, a maioria deles (54,7%) diz respeito a mulheres vítimas que referem a existência de imagens e frases veiculadas pelos órgãos de comunicação social/publicidade e pela Escola que podem afectar a imagem da mulher e reforçar os valores da desigualdade de género. Tal pode ser um indicador de maior percepção da importância daquela dimensão e, portanto, um espaço favorável à intervenção no domínio da prevenção sobre a igualdade de género.
- O local onde as mulheres têm maior probabilidade de serem vítimas é a casa, quer em relação a actos de menor gravidade para a sua segurança física, quer em relação aos que a podem pôr em risco. Só os actos de violência sexual são menos referidos em casa. Convém notar que a violação dentro das relações de conjugalidade é ainda um fenómeno oculto e pouco assumido mesmo pelas próprias vítimas.

- Quando analisamos a relação de parentesco entre a vítima e o autor, o contexto da família emerge igualmente como um local violento. Os actos perpetrados pelos maridos/companheiros/namorados passados ou actuais, independentemente do momento da ocorrência e para os actos de violência física, psicológica e sexual, têm uma prevalência de 36,4%. No último ano é de 27,6%. O valor dos autores “outros familiares” é igualmente elevado (34,8%) e, no caso da violência física, para os anos anteriores tal valor ascende a 37,5%.

Sem dúvida, um indicador claro do ambiente de violência que se vive em este espaço mais privado, em um percurso que pode vir da infância, e que requer uma atenção muito particular e medidas específicas e urgentes neste domínio.

- A reacção mais frequente das mulheres vítimas (análise efectuada por acto), continua a ser o “ir calando e não fazer nada”. Em apenas 12,9% dos casos, as vítimas referiram ter contactado instituições (percentagem que se refere às reacções no último ano). Este valor, que é semelhante ao do Continente. De entre as mulheres que reagem/reagiram, destacam-se as que o fazem de uma forma verbalmente activa e as que contactam/contactaram instituições.
- Ainda ao nível da reacção das vítimas, a polícia e os estabelecimentos de saúde são os mais referidos, seguidas das redes sociais de apoio, que desempenham um papel fundamental na quebra do isolamento individual.
- Os resultados obtidos em relação aos mais idosos, aqui considerados com idades superiores a 65 anos, não revelam uma incidência mais acentuada de violência quando comparados com outros escalões etários. Ainda assim, nota-se que as mulheres têm maior probabilidade de serem vítimas do que os homens, o que, também em relação a este grupo etário se coloca a questão das desigualdades de género associadas à violência.

No que se refere à Violência Doméstica, estes resultados, assim como os já citados sobre as trajectórias de violência que podem vir desde a infância, levam-nos mais uma vez a chamar a atenção para a necessidade de desenvolver estudos específicos sobre os idosos e crianças, de modo a avaliar a parte da violência que decorre da idade e a que resulta das desigualdades de género.

- À semelhança do que já tinha sido verificado no Continente, os resultados dos Açores revelam que os homens com 18 ou mais anos também são vítimas de violência física, psicológica e sexual, ainda que com um valor inferior ao das mulheres (45,5% contra 53,3%). O mesmo se passa em relação a cada tipo de violência, quando analisada individualmente. No entanto, quando analisamos os actos mais de perto, notamos que os dos homens estão mais associados a contextos de maior violência e agressividade; sendo disso exemplo as ameaças com armas de fogo e brancas e a reacção através de “agressões físicas”.
- Apesar de ser numericamente pouco expressiva (9,2%), é ainda de assinalar o facto da violência sexual praticada contra os homens nos Açores (9,2%) ser superior à que tínhamos detectado para o Continente (6%), em 2007.
- Todavia, e também à semelhança do Continente, a vitimação dos homens e das mulheres são de natureza diferente. Desde logo, as mulheres têm três vezes maior probabilidade do que os homens de serem vítimas de actos que podem ser classificados de violência doméstica.
- A violência praticada contra as mulheres tem essencialmente uma configuração que remete para a desigualdade de género. Nos homens, tal não se passa, e trata-se de uma vitimação igual à que se verifica na população em geral. De facto, os resultados mostram claramente que enquanto as mulheres são vítimas sobretudo de autores homens (em mais de 75% dos casos), os autores da violência exercida contra os homens são também, maioritariamente homens (61,2% no último ano e 64,8% nos anos anteriores). Mesmo na violência psicológica, que o senso comum e algumas ideologias normalmente atribuem às mulheres, são os homens os principais autores (58,1% no último ano e 59,1% nos anos anteriores). Apesar de globalmente os valores terem uma configuração semelhante aos do Continente, a sua expressão numérica é menos acentuada. De facto, mesmo que minoritário, o peso das não-respostas nos Açores tem uma percentagem considerável (entre 18,1% e 26,3%), que pode indiciar o pouco à-vontade, por preconceitos de género associados à masculinidade, de falarem de situações em que foram vítimas de autoras mulheres.

- No que concerne às relações de parentesco entre autores e vítimas e para a violência psicológica física e sexual, as diferenças também são significativas: nas mulheres predominam os cônjuges/companheiros/namorados (ou ex), enquanto que nos homens predominam os desconhecidos e outros.
- Igualmente, enquanto que nas mulheres o local mais provável para ocorrer a violência é a casa, nos homens são os espaços públicos ou o local de trabalho/instituição escolar.
- O tipo de reacção das vítimas aos actos de violência é relativamente idêntico quando comparamos homens e mulheres. Em ambos, a mais referida é “ir calando e não fazer nada”. No entanto, nos homens, as reacções referidas em seguida são: “reagiu com insultos verbais” e “reagiu com agressões físicas”, ao contrário da mulher, onde permanece alguma tónica de passividade externa na reacção. Existe, igualmente aqui, alguma diferença em relação ao Continente, onde, logo a primeira reacção mais referida nos homens era mais activa.
- Igualmente são diferentes as causas percebidas por homens e mulheres em relação aos actos de que foram vítimas. Nas mulheres, assume maior importância o “ciúme/sentimento de posse”, nos homens, “outros motivos”, “homens que provocaram”, “mal-entendidos” e consumo de álcool: Nos homens não há praticamente referências ao ciúme e nas mulheres o consumo de álcool é só apontado em terceiro lugar. A natureza de género está aqui também presente, funcionando como “pano de fundo da violência”, como recentemente confirmou Santiago Boira, na sua tese de doutoramento sobre agressores em Espanha.
- Do ponto de vista da análise da vitimação por ilha, o fenómeno é transversal, não sendo possível encontrar alguma polarização a esse nível.

Ainda assim, quando se analisam os tipos de violência, notam-se algumas particularidades, que deverão merecer atenção em intervenção futura. Nomeadamente, para as mulheres, a violência psicológica na Terceira, Santa Maria e Corvo, a violência física em São Miguel e Graciosa e a sexual no Pico e Flores. Quanto aos homens, a violência psicológica na Terceira e Graciosa, a violência física nas Flores e a sexual no Pico.

- Do ponto de vista das características socioculturais das vítimas, há uma relativa transversalidade, mesmo se em alguns casos há valores mais elevados, como a idade dos 18-24, no 1º ciclo de escolaridade, nos quadros superiores e profissões liberais, nos homens.

No entanto, nota-se uma associação clara com a vitimação, a revelar uma maior probabilidade de tal ocorrer entre os desempregados (homens e mulheres) e quando há filhos economicamente dependentes. Assim, e no que se refere ao combate e prevenção da violência, deverão ser tomadas medidas específicas no sentido de minorar a fragilidade já existente em termos sociais.

O Coordenador do estudo,



(Manuel Lisboa, Prof. Doutor)